

RESENHA

## A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica

*Felipe Magno Silva Pires*<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Amazonas



BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

PIRES, Felipe Magno Silva. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica (Resenha)*. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (29): 569-572, maio a agosto de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Mestre em Sociedade e Cultura e Doutorando em Antropologia Social, ambos pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Com formação sociológica na graduação e no mestrado e um doutorado em Antropologia social em andamento, os estudos de Pierre Bourdieu sempre foram uma constante na minha vida acadêmica. Ao investigar a ação da religião evangélica em uma comunidade de várzea amazônica, lancei mão da percepção de Bourdieu acerca da religião e seu poder de estruturar sociedades. Bourdieu (2011: 33) deixa claro que a religião “contribui para a imposição dos princípios de estruturação (...) do pensamento do mundo (...), na medida em que impõe um sistema de (...) representações cuja estrutura (...) apresenta-se como (...) natural-sobrenatural do cosmos”.

As representações simbólicas, tão inerentes às religiões, são passíveis de análises em outras categorias sociais, podendo ser encontradas também nas estruturas sociais que dão ênfase à *Dominação Masculina*, título da 18ª edição do seu livro, publicado pela Editora Bertrand Brasil, cujas discussões de gênero são temas de diferentes campos de estudo, como a História, Sociologia, Antropologia, Saúde e Segurança Pública, além de fortalecer os movimentos sociais. Mas é sob o ponto de vista sociológico que apresento esta resenha.

Professor de Letras e Filósofo, foi na Sociologia que Pierre Bourdieu obteve maior destaque, tornando-se um dos teóricos mais lidos de todos os tempos, sobretudo no campo das reproduções culturais e sistemas simbólicos, sob o viés dos estudos de Max Weber, de quem absorveu e sintetizou parte de suas teorias. O cerne do trabalho sociológico de Bourdieu é a compreensão de que os indivíduos detentores de grande competência são os principais responsáveis pela consolidação de sistemas sociais dominantes, uma vez que existe intencionalidade ao impor perspectivas culturais e sistemas simbólicos, gerando a violência simbólica, cuja forma se sustenta na capacidade de convencer os indivíduos de que não existe parcialidade nos modelos estruturais operantes e de que as escolhas sociais são naturais e não produtos de um saber fazer social. Daí é desinente o seu argumento de que a sociedade é produto de relações, não de interações entre agentes, o que conduz sua análise para o estruturalismo tão evidente na perspectiva do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, ao propor que as estruturas sociais tendem a se reproduzir, independentemente da localidade. É fundamentado nessa ideia que Pierre Bourdieu apresenta sua análise sobre a violência simbólica e a condição feminina.

Ao longo de três capítulos, Bourdieu busca apresentar como a dominação masculina é naturalizada na sociedade por meio de instituições firmemente estabelecidas (Estado, Igreja, Escola e Família), cuja violência simbólica ajuda a fundamentar tais princípios por meio da construção social de corpos que justificam a divisão sexualizante. “A definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais (...), é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, (...) através da acentuação de certas diferenças” (BOURDIEU, 2020: 31).

As abordagens dos órgãos e das práticas sexuais são as primeiras análises da violência simbólica apresentadas por Bourdieu. O autor fortalece seu entendimento ao analisar o gozo masculino na relação sexual, ao dizer que “o gozo mas-

culino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar” (BOURDIEU, 2020: 41). Quer dizer, o poder masculino se fundamenta na interação sexual com o sexo oposto, posto que a comprovação do gozo feminino não é uma forma de libertação sexual da mulher, mas sim uma comprovação do poder do homem de fazer a parceira gozar, o que leva muitas mulheres a fingirem o orgasmo.

A partir da perspectiva do sexo, Bourdieu expande sua análise aos outros campos sociais, considerando também a divisão sexual do trabalho, cujas diferenças impõem às mulheres exclusões sociais, relegadas e sem grande exposição, longe dos ambientes masculinos. Bourdieu defende que são as estruturas criadas pela percepção masculina que constroem a violência simbólica e, conseqüentemente, dão valência à violência física, uma vez que é pelo poder da estrutura que são construídas todas as formas de relações.

Embora Bourdieu não apresente seus argumentos exatamente nos termos supraditos, ao explicar que a violência simbólica não minimiza a violência física, tampouco valida as atitudes de homens que espancam, exploram e violentam mulheres de várias maneiras, é possível inferir que uma forma de agressão impacta significativamente na consolidação da outra.

Ao pensarmos nas instituições que são pilares da dominação masculina, quando se tem uma pessoa que detém um grande poder governante e essa pessoa discursa contra a imagem feminina, isso é uma forma de corroborar violências físicas e simbólicas, estruturas dominantes, ou seja, *se o Estado defende tal perspectiva, então ela deve ser a correta*. Para o autor, só existe uma forma de mudar esta realidade:

Só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas de dominação têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. (BOURDIEU, 2020: 75)

A citação ratifica o ponto de vista do autor de que a sociedade é um retrato das suas relações. Se os atores sociais são os principais responsáveis pela manutenção ou elaboração da estrutura, é por meio de movimentos sociais atuantes que pode ocorrer a mudança do sistema operante.

O primeiro passo, de acordo com Bourdieu, é o debulhamento da ideia de que a mulher é um objeto simbólico, de que existe um manual de comportamento feminino aceitável socialmente, que devem ser pessoas discretas. Um olhar de que são construídas para os outros e não para si mesmas. Mas a mudança deve ser no âmago das instituições estabelecidas, sobretudo a escola, a família e a igreja, sendo esta última a mais difícil, posto que este espaço é marcado pelo “antifeminismo profundo (...) pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade” (BOURDIEU, 2020: 141).

O autor explica ainda que, mesmo a escola já estando liberta da tutela da Igreja, ela continua a fortalecer o patriarcado, por meio da transmissão das estruturas, ao relacionar gênero e aptidões, bem como a homologia entre homem e mulher. Quer dizer, as mulheres sempre estão separadas dos homens por um “*coeficiente simbólico negativo*” (BOURDIEU, 2020: 153).

A última análise do autor incide no ambiente do trabalho, ao afirmar que as mulheres levam para as empresas as mesmas estruturas que tinham dentro do seu ambiente doméstico, sendo selecionadas para trabalhos como recepcionistas,

organizadoras de apresentação e acolhidas, entre outras correlatas, pois a elas é dada a imagem de que são responsáveis pelo capital simbólico da família.

Bourdieu (2020: 14) aponta que “a verdade das relações estruturais de dominação sexual se deixa realmente entrever a partir do momento em que observamos, por exemplo, que as mulheres não atingiram o mais alto cargo”. O ponto fulcral do argumento do autor é de que quando a mulher obtém sucesso profissional, significa menor sucesso na vida doméstica, o que leva a divórcios e até mesmo dificuldades nas relações afetivas com os filhos. E isso impacta de forma significativa tanto no âmbito profissional quanto familiar, pois as mulheres têm de lidar com jornadas de trabalho reduzidas, para dar conta das “cobranças domésticas”, o que as coloca em desvantagem em relação ao homem pelo atingimento das metas por melhores cargos.

Bourdieu encerra o livro fazendo um alerta: os movimentos feministas não devem se engajar apenas em lutas políticas rotuladas de feministas, pois reconhecem que os princípios universais não são tão igualitários quanto possam parecer. É necessária uma luta política que considere todas as instâncias onde a dominação masculina atua, posto que a ocupação desses lugares deve ser por mulheres que tenham consciência da violência simbólica operante, não de mulheres que ocupem as mesmas áreas sociais dos homens que estão no poder.

O livro apresenta uma discussão valiosa para os estudos de gênero, pois exemplifica em diferentes instâncias sociais, públicas e privadas, as formas de dominação masculina e como se estruturam as violências simbólicas, além de apontar caminhos pelos quais as mudanças pretendidas possam ser alcançadas. Contudo, sua análise não desenvolve de forma significativa o papel das mulheres que intencionalmente se submetem à violência simbólica e a defendem sob a perspectiva religiosa, apenas para citar um exemplo. Embora Bourdieu mencione essas mulheres em suas considerações finais, faltou um aprofundamento de como elas desempenham seus papéis e contribuem para a consolidação da dominação masculina, uma vez que, como em todo modelo operante, nem todas as formas de submissão são definitivas.

*Recebido em 1 de junho de 2025.*

*Aprovado em 30 de agosto de 2025.*

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.